

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/332910713>

As cidades como espaços de transformação da natalidade na Época Contemporânea. Influência da mobilidade geográfica na regulação da capacidade reprodutiva das populações

Chapter · January 2018

CITATIONS

READS

7

1 author:



Rui Leandro Maia

Universidade Fernando Pessoa

103 PUBLICATIONS 86 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



SEHI - SocioEconomic Health Inequalities [View project](#)



WeGlx project - Wellbeing Global Index [View project](#)

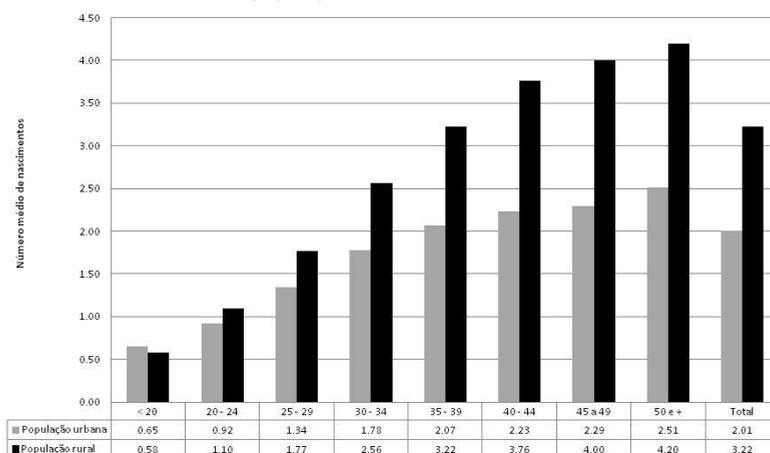
AS CIDADES COMO ESPAÇOS DE TRANSFORMAÇÃO DA NATALIDADE NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA: INFLUÊNCIA DA MOBILIDADE GEOGRÁFICA NA REGULAÇÃO DA CAPACIDADE REPRODUTIVA DAS POPULAÇÕES

RUI LEANDRO MAIA*

1. MIGRAÇÕES, NUPCIALIDADE E REPRODUÇÃO EM MEIO URBANO

A observação, para 1960, demonstra comportamentos de fecundidade diferenciados no País entre meio urbano, 2,01 filhos, e meio rural, 3,22 filhos, com associação a idades das mulheres ao primeiro casamento¹ (Gráfico 1).

Gráfico 1. Número médio de filhos nascidos por mulher casada, população urbana e população rural, Censo de 1960



Fonte: LIVI BACCI, 1971: 111 (adaptado)

* Researcher at UFP Energy, Environment and Health Research Unit (FP-ENAS), Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal. rlmaia@ufp.edu.pt.

¹ LIVI BACCI, 1971.

Até que ponto a redução dos nascimentos se associou mais à nupcialidade e às migrações do que à contraceção?

As migrações influenciaram a diminuição da reprodução nos espaços urbanos?

A idade média dos migrantes ao primeiro casamento é superior à dos nativos², como consequência das condições de vida nas cidades e da ligação com os familiares presentes nos espaços de origem³.

Existe, por outro lado, «segmentação» homogâmica do mercado matrimonial pela origem geográfica⁴.

A associação entre origem geográfica e comportamentos reprodutivos remete para as seguintes hipóteses:

(i) Socialização. Os migrantes refletem preferências de reprodução dominantes no ambiente de infância, existindo, embora, tendência de aproximação de comportamentos na geração subsequente à fixação ao espaço de acolhimento⁵. Apesar de associações entre reprodução e condições socioeconómicas — com os detentores de maiores rendimentos a terem menos filhos — não existe linearidade porque os detentores de menores rendimentos são, sobretudo, de origem rural e portadores de uma socialização de infância diferente. As mulheres oriundas de meios rurais, na cidade de Detroit, apresentam maior capacidade reprodutiva do que as nativas, podendo as diferenças advir de não disporem de idênticas condições socioeconómicas. Dados referentes aos EUA indicam que a relação contrária entre maior número de nascimentos e menor rendimento disponível se extingue quando se considera apenas a população nativa das cidades⁶. A aquisição de um padrão de reprodução consentâneo com o dominante nas cidades tende a ocorrer no tempo⁷ e as diferenças socioeconómicas, migrantes-nativos, esbatem-se entre gerações, permanecendo no entanto em níveis superiores a capacidade reprodutiva dos primeiros⁸. A primeira geração de italo-americanos manteve comportamentos reprodutivos específicos que diminuíram e se tornaram semelhantes à dos nativos na segunda geração⁹. Foram encontrados resultados próximos nos mexicano-americanos¹⁰ e, para os EUA, não se encontram evidências

² DUPAQUIER, 1981; PERRENOUD, 1994: 12-15.

³ ANDERSON, 1971; GARDEN, 1975.

⁴ MAIA, 2003; LYNCH, 1996: 203-223; PERRENOUD, 1994: 12-15; ORIS, 2000: 391-413; ORIS, 2003: 187-215.

⁵ Esta hipótese, que analisa, para áreas urbanas, os efeitos das diferenças socioeconómicas na reprodução, está nos trabalhos de GOLDBERG, 1959: 214-222; GOLDBERG, 1960: 23-36.

⁶ FREEDMAN & SLESINGER, 1961: 161-173.

⁷ DUNCAN, 1965: 240-249.

⁸ MCGIRR & HIRSCHMAN, 1979: 27-35.

⁹ ROSENWAITE, 1973: 271-280.

¹⁰ STEPHEN & BEAN, 1992: 67-88.

de mudanças nos comportamentos reprodutivos para a maioria dos imigrantes que mantêm diferenciação de padrões face aos nativos¹¹.

(ii) Adaptação. Os migrantes assemelham-se no tempo aos padrões de reprodução das sociedades de acolhimento. Os migrantes rurais apresentaram, para Porto Rico, idêntica capacidade reprodutiva do que a população urbana nativa¹². Semelhantes foram os comportamentos identificados na Tailândia, especialmente em Bangkok, que apresenta níveis de fertilidade inferiores aos autóctones¹³. A migração rural-urbana, para a Coreia, traduz menor capacidade reprodutiva face à dos nativos¹⁴. No México demonstrou-se que se processa uma adaptação rural-urbana¹⁵, o mesmo não se verificando na República dos Camarões, porventura pela tardia TD. Parece existir suporte para a verificação da hipótese da adaptação no contexto africano, em seis países, de que a capacidade reprodutiva dos migrantes diminuiu em todos e se manteve baixa no longo prazo entre a maioria deles. O declínio da fertilidade dos migrantes pode ser atribuído a uma melhoria de qualidade de vida e a um aumento do uso de contraceptivos¹⁶. Foram feitas descobertas anteriores, pelo estudo da fertilidade, de migrantes rurais em treze países africanos¹⁷, no Brasil¹⁸ ou na Nova Guiné¹⁹ todas traduzindo o impacto das migrações na reprodução.

Esta hipótese parece viável entre intervalos genésicos, embora, no limite, não se tenda a assistir à padronização de comportamentos, numa mesma geração, como sugerem abordagens realizadas para Portugal: os migrantes de primeira geração mudam comportamentos mas distanciam-se do padrão dos nativos²⁰.

Em estudo, para o Paquistão, sobre o primeiro intervalo intergenésico para mulheres casadas testam-se os efeitos do nível de educação, da duração do casamento, da residência urbana ou rural e do uso corrente da contraceção sobre o espaçamento entre os nascimentos do primeiro e do segundo filhos e conclui-se que o uso da contraceção parece não explicar o comportamento das mulheres e que as residentes nos espaços urbanos têm os segundos filhos quatro meses, em média, após as residentes nos espaços rurais²¹. As diferenças são notadas, para

¹¹ KAHN, 1994: 501-519.

¹² MYERS & MORRIS, 1966: 85-96.

¹³ GOLDSTEIN, 1973: 225-241.

¹⁴ FARBER & LEE, 1984: 339-345.

¹⁵ LEE & POL, 1993: 3-26.

¹⁶ BROCKERHOFF & YANG, 1994: 19-43.

¹⁷ BROCKERHOFF, 1995: 347-358.

¹⁸ HERVITZ, 1985: 293-317.

¹⁹ UMEZAKI & OHTSUKA, 1998: 411-422.

²⁰ MAIA, 2003.

²¹ RAAJPOOT, 1996: 69-82.

a Jordânia, tendendo a esbater-se nos intervalos genésicos entre demais filhos²². A capacidade reprodutiva nas cidades é menor do que nos campos, embora alguns estudos demonstrem que as probabilidades de nascimento de um segundo filho em menor tempo são maiores nas cidades. As diferenças estarão relacionadas com a influência que, nas cidades, os migrantes exercem ao manterem inalterado o padrão de reprodução dos espaços de origem²³, o que, ao verificar-se, reforça mais a hipótese de socialização do que a hipótese de adaptação.

(iii) Seleção. Os comportamentos reprodutivos dos migrantes tendem a ser mais semelhantes aos padronizados nas sociedades de acolhimento²⁴, em virtude da adoção de uma certa seletividade ou ajustamento²⁵.

Para San Juan, Porto Rico, os migrantes apresentaram níveis mais baixos de fertilidade do que a população rural e do que os nativos urbanos²⁶. A sua maior taxa de atividade e o nível de escolaridade mais elevado explicam diferenças. O casamento e a reprodução precoces, nas áreas rurais, podem ser vistos como obstáculos para a mobilidade ascendente, motivando o adiamento do casamento e da reprodução e o incremento de estudos superiores e a migração para a capital. Os migrantes, na cidade, apresentam comportamentos diferenciados de nupcialidade e de reprodução, que acentuam em situações em que a constituição das famílias se assume pela homogamia com base nos espaços de origem²⁷. Outros trabalhos discutem a questão da seletividade migrante²⁸. A análise longitudinal mostrou, para a França, que a migração para a cidade conduz à redução da fecundidade, enquanto a migração para os meios rurais a aumenta²⁹.

(iv) Rutura. Os migrantes apresentam níveis baixos de reprodução devido a fatores perturbadores associados a condições de vida desfavoráveis.

A capacidade reprodutiva, na Tailândia, não era muito diferente da dos nativos³⁰, embora o mesmo não se passe em relação à dos migrantes recentes, há menos de cinco anos, que é menor, em consequência da rutura resultante da separação conjugal, tendo o padrão de abaixamento continuidade, ao longo do ciclo de fecundidade, pela sua inserção no modo de vida urbano³¹. Parece demonstrar-se

²² ABDULLAH, 1983.

²³ RAAJPOOT, 1996: 69-82.

²⁴ MYERS & MORRIS, 1966: 85-96.

²⁵ GOLDSTEIN, 1973: 225-241.

²⁶ MACISCO & BOUVIER, 1970: 51-70.

²⁷ MAIA, 2003.

²⁸ GOLDSTEIN & GOLDSTEIN, 1981: 265-281.

²⁹ COURGEAU, 1989: 123-146.

³⁰ GOLDSTEIN, 1973: 225-241.

³¹ GOLDSTEIN & GOLDSTEIN, 1981: 265-281.

a existência de uma fertilidade muito baixa dos migrantes durante os primeiros anos de fixação na cidade em vários países africanos, resultante da separação de cônjuges e do alongamento dos intervalos de nascimentos dos filhos³².

Um estudo sobre a formação da família e casa própria, na Alemanha Ocidental e na Holanda, demonstrou a existência de um aumento das taxas de primeiro parto logo após os casais se mudarem para a casa própria. Parece não haver dúvidas quanto ao paralelismo entre desenvolvimento urbano e baixos índices de reprodução³³.

A adoção pelas classes mais baixas provenientes dos meios rurais permitiu, por sua vez, uma homogeneização de comportamentos nos meios urbanos, não no sentido de se tornarem equivalentes às classes médias e altas, mas por permitirem a estas, que no passado tinham menos filhos, poderem aumentar a reprodução³⁴. Os migrantes são dinamizadores de padrões de comportamentos, sem os filiar-mos à determinação da adoção de contraceptivos. Sujeitos a constrangimentos, repensam a estratégia de reprodução e criam rutura com o padrão caracterizador das sociedades de origem.

Faz sentido que se observem os intervalos protogenésicos, a partir do oitavo mês do casamento, e intergenésicos, entre o primeiro e o segundo filhos.

Se admitirmos que a condição de migrante representa a adoção de comportamentos diferenciados face aos autóctones, admitimos, como adiante se explora, distanciamentos ou aproximações pelos perfis de famílias segundo origens geográficas dos cônjuges.

2. FONTES E PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

São utilizados registos do Bonfim, paróquia da cidade do Porto, entre 1940 e 1969, para os casamentos, e, entre 1940 e 1999, para os batismos, em famílias que puderam fechar o ciclo reprodutivo³⁵.

São fixadas tipologias de famílias segundo as origens geográficas dos residentes na cidade:

- Os dois cônjuges naturais da cidade do Porto, Tipo 1;
- Os dois cônjuges naturais de fora, Tipo 2;
- O homem natural de fora e a mulher natural do Porto, Tipo 3;
- O homem natural do Porto e a mulher natural de fora, Tipo 4.

³² BROCKERHOFF, 1995: 347-358.

³³ MULDER & WAGNER, 2001: 137-164.

³⁴ MICHEL, 1983.

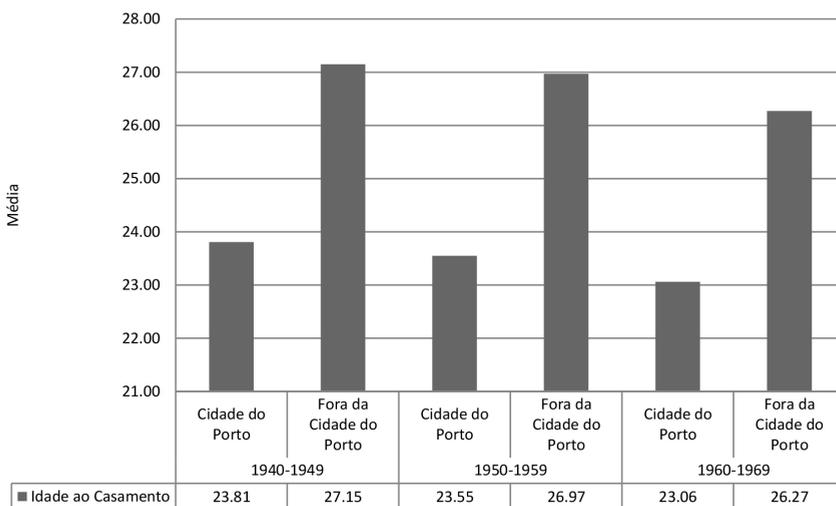
³⁵ O processo de escolha dos indivíduos fez-se por amostragem sistemática com reconstituição de famílias a partir dos registos de casamento: dos livros de casamento, entre 1940 e 1969, foram retirados um em cada três e, das fichas abertas, foram registados os batizados realizados na paróquia entre 1940 e 1999. Quer isto dizer que os casais que contraíram matrimónio em 1969, último ano de abertura de ficha de família, foram ainda acompanhados por trinta anos, ou seja, até 1999, garante de fechamento do ciclo reprodutivo das mulheres observadas.

A origem geográfica constitui a variável independente pela qual se testa a hipótese da existência de diferenças significativas dos comportamentos observados³⁶.

3. RESULTADOS

Regista-se um decréscimo da idade média ao primeiro casamento que mantém praticamente a distância entre naturais e migrantes (Gráfico 2).

Gráfico 2. Idade ao Casamento das mulheres por origem geográfica e por décadas



Fonte: Registos Paroquiais de Casamento do Bonfim 1940-1969

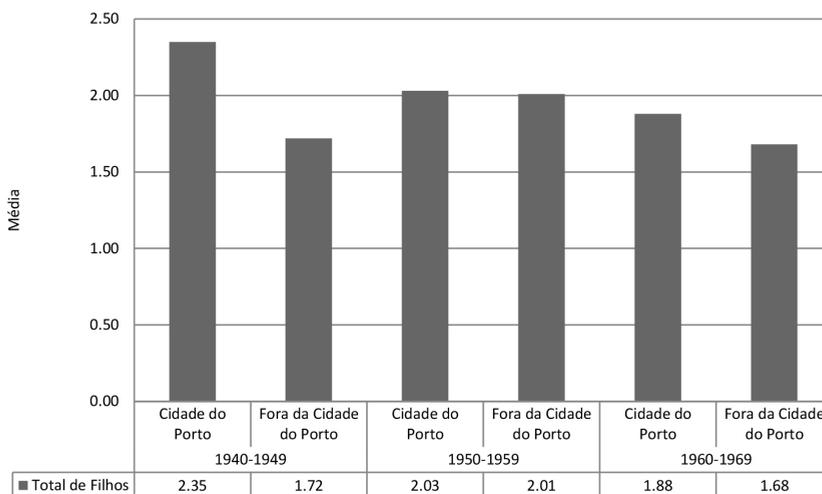
A associação estatística das origens geográficas das mulheres evidencia diferenças significativas ($p < ,05$). Sempre regulares na relação entre naturais da cidade do Porto, que casam mais cedo, e migrantes, que casam mais tarde.

Na década de 1940-49 esse retardamento repercute-se na diferença do número médio de filhos por mulher em período fértil.

O número médio de filhos das mulheres migrantes é inferior ao das naturais (Gráfico 3). Evidente na década de 1940 ($p < ,05$), quase similar na de 50, com retoma de distanciamento na de 60, porventura mais por razões de carestia de vida.

³⁶ Hipótese testada pelo recurso ao teste t e à análise de variância e a associação complementar do teste de Tukey e de associação de valores em subconjuntos homogéneos, (Vd. PESTANA & GAGEIRO, 1998).

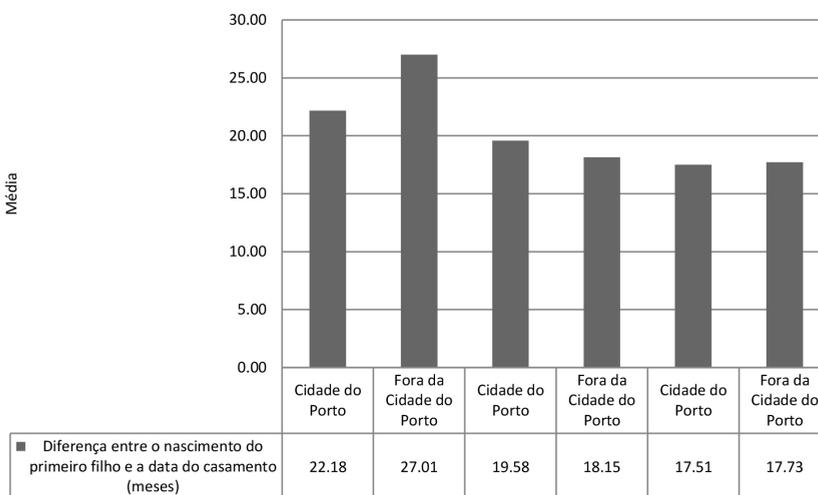
Gráfico 3. Média de total de filhos segundo origem geográfica das mulheres, por décadas



Fonte: Registos Paroquiais de Casamento do Bonfim 1940-1999

A observação do intervalo protogenésico não traduz regularidade de comportamentos, mas deixa perceber, por referência a 1940-49, que, para as mulheres migrantes, sendo superior o tempo médio de nascimento do primeiro filho, mais se evidencia o casamento como variável reguladora da reprodução (Gráfico 4).

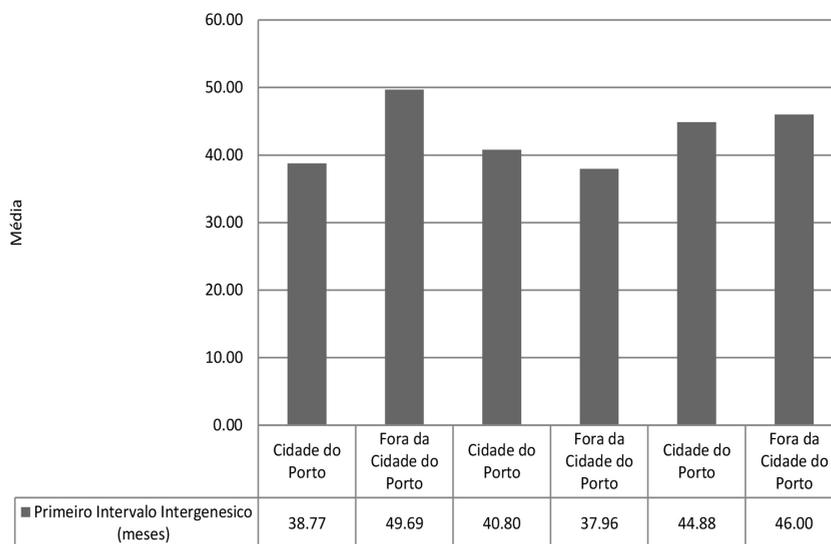
Gráfico 4. Intervalo protogenésico por origem geográfica das mulheres e por décadas



Fonte: Registos Paroquiais de Casamento do Bonfim 1940-1999

A mesma tendência é visível na diferença entre os primeiro e segundo filhos (Gráfico 5).

Gráfico 5. Primeiro intervalo intergenésico por origem geográfica das mulheres e por décadas



Fonte: Registos Paroquiais de Casamento do Bonfim 1940-1999

4. DISCUSSÃO

São de sublinhar algumas evidências:

- A idade média ao casamento das mulheres migrantes é superior à das naturais da cidade³⁷.
- Nenhuma hipótese identificativa de diferenciação de processos reprodutivos das mulheres migrantes em meio urbano parece, por si, ter sustento, embora aspetos de cada uma delas possam ser considerados.

A hipótese da socialização é verificável, porquanto, não existem, apesar do registo da década de 1940, diferenças significativas nos valores médios dos intervalos genésicos, sendo de considerar que o número médio de filhos advirá da diminuição da capacidade reprodutiva global que o retardamento da idade ao casamento impõe às mulheres migrantes.

Também a hipótese da adaptação parece verosímil: o meio urbano impõe condições a quem nele se fixa. Trata-se de equacionar a reprodução segundo a realidade do meio, muito marcada pelo exercício de funções específicas e pela ausência de suporte

³⁷ DUPAQUIER, 1981; PERRENOUD, 1994: 12-15. ANDERSON, 1971; GARDEN, 1975; MAIA, 2003.

familiar que dê acompanhamento aos filhos destas mulheres migrantes cujos intervalos genésicos são similares aos das mulheres naturais da cidade.

A hipótese da seleção parecer ter correspondência, porque, nomeadamente, se sabe, para o período em análise, que existem tendências de reprodução diferenciada entre espaços: a migração para a cidade modela comportamentos com impacto na reprodução global destas mulheres, desde logo, pelo casamento que lhes atrasa o início do processo reprodutivo e potencia a maior capacidade reprodutiva das mulheres naturais que, em muitos casos, beneficiam do trabalho das primeiras cuja razão de instalação nas cidades é de virem servir como criadas³⁸.

A hipótese da rutura terá cabimento pela verificada menor capacidade reprodutiva destas mulheres e pelo facto de a sua fixação na cidade ter mais que ver com fatores repulsivos do que com oportunidades. Mas também com as ligações familiares que as prendem às comunidades de origem que, para além de sentimentais, são de apoio à subsistência dos familiares que aí permanecem³⁹.

A discussão não nega as hipóteses apresentadas. A complexidade do problema traduz-se numa diferenciação comportamental, pela idade média ao primeiro casamento mais elevada das mulheres migrantes em relação às mulheres naturais do espaço em observação.

BIBLIOGRAFIA

- ABDULLAH, A. (1983) — *A study of Birth Intervals in Jordan*. «Scientific Reports», n.º 46.
- ANDERSON, M. (1971) — *Family Structure in Nineteenth Century Lancashire*. London: Cambridge University Press.
- BROCKERHOFF, M (1995) — *Fertility and family-planning in Africa cities: the impact of female migration*. «Journal of Biosocial Science», vol. 27, n.º 3, p. 347-358.
- BROCKERHOFF, M.; YANG, X. S. (1994) — *Impact of migration on fertility in Sub-Saharan Africa*. «Social Biology», vol. 41, n.º 1-2, p. 19-43.
- COURGEAU, D. (1989) — *Family formation and urbanization*. «Population: An English Selection», vol. 44, n.º 1, p. 123-146.
- DUNCAN, O. D. (1965) — *Farm background and differential fertility*. «Demography», vol. 2, p. 240-249.
- DUPAQUIER, J. (1981) — *Pour la Démographie Historique*. Paris: P.U.F.
- FARBER, S. C.; LEE, B. S. (1984) — *Fertility adaptation on rural-to-urban migrant woman: a method of estimation applied to Korean women*. «Demography», vol. 21, n.º 3, p. 339-345.
- FREEDMAN, R.; SLESINGER, P. (1961) — *Fertility differentials for the indigenous non-farm population of the United State*. «Population Studies», vol. 15, n.º 2, p. 161-173.
- GARDEN, M. (1975) — *Lyon et les Lyonnais au XVIII Siècle*. Paris: Flammarion.
- GOLDBERG, D. (1959) — *The fertility of two-generation urbanites*. «Population Studies», vol. 12, n.º 3, p. 214-222.

³⁸ MAIA, 2003; GOLDSTEIN & GOLDSTEIN, 1981: 265-281; MURPHY & SULLIVAN, 1985: 230-243; COURGEAU, 1989: 123-146.

³⁹ MAIA, 2003.

- ____ (1960) — *Another look at the Indianapolis fertility data*. «Milbank Memorial Fund Quarterly», vol. 38, n.º 1, p. 23-36.
- GOLDSTEIN, S. (1973) — *Interrelations between migration and fertility in Thailand*. «Demography», vol. 10, n.º 2, p. 225-241.
- GOLDSTEIN, S.; GOLDSTEIN, A. (1981) — *The impact of migration on fertility: an own children analysis for Thailand*. «Population Studies», vol. 35, n.º 2, p. 265-281.
- HERVITZ, Hugo M. (1985) — *Selectivity, Adaptation, or Disruption? A Comparison of Alternative Hypotheses on the Effects on Fertility: The Case of Brazil*. «International Migration Review», vol. 19, n.º 2, p. 293-317.
- KAHN, R. (1994) — *Immigrant and native fertility during 1980's: adaptation and expectations for the future*. «International Migration Review», vol. 28, n.º 3, p. 501-519.
- LEE, S.; POL, G. (1993) — *The influence of rural-urban migration on migrant's fertility in Korea, Mexico and Cameroon*. «Population Research and Policy Review», vol. 12, n.º 1, p. 3-26.
- LIVI BACCI, M. (1971) — *A century of Portuguese Fertility*. Princeton: Princeton University Press.
- LYNCH, L. (1996) — *Geographical Mobility and Urban Life: Comparative Perspectives on American and European Demographic Trends in the Past*. In BIDEAU *et al.*, ed. — *Les Systèmes Démographiques du Passé*. Lyon: Programme Rhône Alpes de Recherches en Sciences Humaines, pp. 203-223.
- MACISCO, J.; BOUVIER, F. (1970) — *The effect of labor force participation on the relation between migration status and fertility in San Juan, Puerto Rico*. «Milbank Memorial Fund Quarterly», vol. 48, n.º 1, p. 51-70.
- MAIA, R. (2003) — *O sentido das diferenças. Migrantes e naturais: observação de percursos de vida no Bonfim*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- MCGIRR, J.; HIRSCHMAN, C. (1979) — *The two-generations urbanite hypothesis revisited*. «Demography», vol. 16, n.º 1, p. 27-35.
- MICHEL, A. (1983) — *Sociologia da família e do casamento*. Porto: Rés-Editora.
- MULDER, H.; WAGNER, M. de, (2001) — *The connection between family formation and first-time home ownership in the context of West Germany and the Netherlands*. «European Journal of Population», vol. 17, n.º 2, p. 137-164.
- MURPHY, M.; SULLIVAN, O. (1985) — *Housing tenure and family formation in contemporary Britain*. «European Sociological Review», vol. 1, n.º 3, p. 230-243.
- MYERS, C.; MORRIS, W. (1966) — *Migration and fertility in Puerto Rico*. «Population Studies», vol. 20, n.º 1, p. 85-96.
- ORIS, M. (2000) — *The age at marriage of migrants during the industrial revolution in the region of Liège*. «The History of the Family. An International Quarterly», vol. 5, n.º 4, p. 391-413.
- ____ (2003) — *The history of migration as a chapter in the history of the European rural family: An overview*. «History of the Family», vol. 8, n.º 2, p. 187-215.
- PERRENOUD, A. (1994) — *Le role de la mobilité dans les systèmes de Régulation Démographique*. In *Contribution to the Entretiens Jacques Cartier*. La Plagne: 12-15 Les Systèmes Démographiques Européens.
- PESTANA, M; GAGEIRO, J. (1998) — *Análise de dados para Ciências Sociais. A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- RAAJPOOT, A. (1996) — *An investigation into the Spacing of Births among a Sample of Ever-Married Women*. «The Social Science Journal», vol. 33, n.º 1, p. 69-82.
- ROSENWAITE, I. (1973) — *Two generations of Italians in America: their fertility experience*. «International Migration Review» vol. 7, n.º 3, p. 271-280.
- STEPHEN, H.; BEAN, D. (1992) — *Assimilation, disruption and the fertility of Mexican-origin women in the United States*. «International Migration Review», vol. 26, n.º 1, p. 67-88.

UMEZAKI, M.; OHTSUKA, R. (1998) — *Impact of rural-urban migration of fertility: a population ecology analysis in the Kombio, Papua, New Guinea*. «Journal of Biosocial Science», vol. 30, n.º 3, p. 411-422.

ANEXOS

Quadro 1. Comportamentos segundo tipologias de família

Décadas	Tipologia de Família		Idade ao Casamento	Total de Filhos	Intervalo protogenésico	1.º intervalo intergenésico
1940-49	T 1	n =	355	208	208	128
		\bar{x}	23,7	2,4	23,3	39,1
		D.P.	6,7	1,8	38,0	32,4
	T 2	n =	155	55	55	26
		\bar{x}	28,0	1,6	16,9	54,6
		D.P.	8,5	0,8	30,2	43,0
	T 3	n =	162	87	87	52
		\bar{x}	24,1	2,2	19,7	35,5
		D.P.	5,9	1,6	26,1	25,8
	T 4	n =	135	65	65	28
		\bar{x}	26,6	1,8	29,2	41,2
		D.P.	7,6	1,2	41,8	29,6
1950-59	T 1	n =	337	226	226	130
		\bar{x}	23,7	2,2	17,9	41,1
		D.P.	6,0	1,4	33,9	37,8
	T 2	n =	159	79	79	35
		\bar{x}	26,8	1,8	18,6	33,6
		D.P.	7,8	1,2	22,7	24,9
	T 3	n =	163	97	97	51
		\bar{x}	23,2	1,8	19,6	38,3
		D.P.	5,2	1,1	27,2	25,0
	T 4	n =	143	80	80	45
		\bar{x}	27,3	2,3	17,2	43,8
		D.P.	8,3	1,6	49,2	30,0
1960-69	T 1	n =	293	193	193	106
		\bar{x}	22,7	2,0	16,8	47,2
		D.P.	5,5	1,2	31,6	35,9
	T 2	n =	167	81	81	37
		\bar{x}	26,7	1,6	16,6	52,3
		D.P.	7,8	0,8	31,1	39,5
	T 3	n =	117	62	62	33
		\bar{x}	24,1	1,8	10,7	39,9
		D.P.	7,4	0,8	36,1	24,5
	T 4	n =	143	83	83	44
		\bar{x}	26,5	1,8	13,8	42,7
		D.P.	7,5	1,0	25,5	35,8

Quadro 2. Comportamentos segundo origens geográficas das mulheres

Décadas	Tipologia de Família		Idade ao Casamento	Total de Filhos	Intervalo protogenésico	1.º intervalo intergenésico
1940-49	Cidade	n =	526	304	304	186
		\bar{x}	23,8	2,4	22,2	38,8
		D.P.	6,4	1,8	34,6	31,4
	Fora da Cidade	n	304	134	134	59
		\bar{x}	27,2	1,7	27,0	49,7
		D.P.	8,0	1,1	46,7	38,4
1950-59	Cidade	n =	528	351	351	192
		\bar{x}	23,6	2,0	19,6	40,8
		D.P.	5,7	1,3	32,9	34,5
	Fora da Cidade	n =	326	183	183	89
		\bar{x}	27,0	2,0	18,2	38,0
		D.P.	7,9	1,4	38,9	27,6
1960-69	Cidade	n =	452	296	296	160
		\bar{x}	23,1	1,9	17,5	44,9
		D.P.	5,9	1,1	34,1	35,2
	Fora da Cidade	n =	351	205	205	96
		\bar{x}	26,3	1,7	17,7	46,0
		D.P.	7,4	0,9	28,0	36,0